OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semestre — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas, (idem).....	4$000	2$000	-$-	-$-
Estrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-
Brazil (moeda fraca).....	15$000	7$500	-$-	-$-

5.º ANNO — VOLUME V — N.º 123

21 DE MAIO 1882

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

EL-REI D. JOSÉ I (segundo uma gravura da época)

SUMMARIO

TEXTO—Chronica Occidental, Gervasio Lobato—D. José I, J. B.—As nossas gravuras—Carlos Darwin, Theophilo Braga—A estatua equestre de el-rei D. José I, R.—Exposição retrospectiva de arte ornamental, em Lisboa, R.—Sapatos do Defuncto, Leite Bastos—Publicações.

GRAVURAS—El-rei D. José I—Panorama de Lisboa antes do terremoto de 1755—Festas do centenario do marquez de Pombal, em Lisboa, passeio fluvial no Tejo, em o dia 9 do corrente—A marcha a *Flambeaux*, em a noite de 9 do corrente—Carlos Roberto Darwin—Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Chegamos tarde para fallar dos festejos do centenario do marquez de Pombal; já tudo está dito sobre essas festas que durante tres dias e tres noites alvoraçaram Lisboa, e o nosso papel de chronista hoje limita-se a repetir o que todos disseram.

Bem sabemos que nos podem accusar de falta de imaginação, e que podiamos com um bocadinho de boa vontade arranjar uma descripção perfeitamente phantasista d'essas festas do centenario, no que ellas não perderiam porque se foram realmente animadas e brilhantes, não peccaram todavia pela originalidade.

Gastou-se muito mais enthusiasmo que invenção n'essas festas, que no fim de contas foram feitas sobre o plano das festas camoneanas, separando-as como não podia deixar de ser, nos seus resultados, a enorme distancia que ha entre Camões e o marquez de Pombal.

Podiamos tambem fazer aqui outro parallelo que egualmente influiu no resultado d'essas festas, a distancia que vae do sr. conselheiro Arrobas ao sr. Vicente Monteiro, mas isso fica para mais tarde.

O *Occidente* tem porém o dever de registar a commemoração enthusiastica que Portugal de 1882 fez ao grande ministro de D. José I, e sem ambições de fazermos uma descripção á *sensation* do centenario Pombalino, deixamos em socego a nossa humilde phantasia e vamos serenamente, sem preoccupações de litteratura ou de politica archivar a narração singela d'essas festas enthusiasticas.

Os centenarios, essas grandes consagrações publicas dos grandes mortos illustres, são planta nova no nosso paiz.

O centenario de Camões encetou com um brilho excepcional esta epocha nova das grandes festas civicas, o centenario de Pombal seguiu-se-lhe com notavel esplendor, e já se falla com insistencia no proximo centenario do infante D. Henrique.

Ora estas festas podiam e deviam ter exclusivamente o caracter de festas nacionaes. Os governos não o teem entendido assim, e fizeram com que os dois centenarios que em Portugal se teem realisado, tivessem accentuadamente, claramente, manifestamente o caracter de festas democraticas. Quem tem ganho com isto é a democracia; provou-o o primeiro centenario, com o esplendor excepcional das suas festas, inteiramente novas entre nós, e provou-o o centenario de Pombal, que, sob o ponto de vista artistico e pittoresco menos interessante que o de Camões, sob o ponto de vista democratico, como parada das forças do povo, tão desastradamente separadas pelos poderes superiores das forças da estado, foi muito superior ao outro, e mostra um progresso enorme de 1880 a 1882.

Quem tem perdido com o caracter que os poderes superiores imprimiram a esses centenarios? Os homens do governo que o digam.

Nós não temos nada com isso: não somos politicos e fazemos muito boas tenções de nunca o ser: o que dizemos anda no espirito de toda a gente: não comprehendemos o motivo porque se affasta o chefe do estado d'estas festas que deviam ser nacionaes, ao passo que vemos o povo saudar com sympathia e com enthusiasmo el-rei D. Fernando, que dando o braço a sua esposa, sem apparato e sem comitiva, vae na noite das illuminações, misturar-se á multidão e tomar parte nas festas populares, que aos homens d'estado se afiguram tão perigosas.

Mas em summa os homens que governam devem saber o que fazem.

Mas sabem?

—A falta de programma em que lhes fallámos na nossa ultima chronica prolongou-se por todos os dias dos festejos que foram os dias 7, 8 e 9.

Ninguem sabia ao certo as festas que havia n'esses dias, a não ser o cortejo civico e a inauguração do monumento ao marquez de Pombal na Avenida cujos programmas vieram publicados no *Diario do Governo*.

Vamos porem pela ordem chronologica.

No domingo 7 as festas começaram pela inauguração da exposição academica na Escola Polytechnica.

Á noite principiam as illuminações que se limitaram apenas á cidade baixa.

D'essas illuminações que o Occidente registrará em gravura no proximo numero, como tambem a procissão civica e os festejos do Porto, a mais brilhante incontestavelmente foi a da rua da Prata.

O aspecto d'essa rua vista da praça da Figueira ou do Terreiro do Paço era realmente phantastico.

A ornamentação consistia em numerosos arcos de ferro, a curtissima distancia, todos illuminados a gaz, que davam um effeito maravilhoso de perspectiva.

A rua dos Fanqueiros era illuminada quasi que pelo mesmo plano, mas o numero d'arcos era muito menor, a distancia que os separava muito mais longa, e por consequencia o effeito muito inferior ao da rua da Prata.

A rua Augusta, que de dia fazia um bello effeito com os seus tropheus collocados de janella a janella em todo o comprimento da rua, á noite era muito menos brilhante que as outras duas ruas; a sua illuminação constava apenas de candelabros de gaz bordando os passeios, o que allumiava muito a rua mas não lhe dava o aspecto brilhante dos arcos da rua da Prata e dos Fanqueiros.

As illuminações das ruas nova do Carmo e do Almada eram pelo mesmo systema da da rua Augusta mas faziam muito mais effeito por causa do declive das ruas.

O Rocio estava brilhante no centro; a praça cercada de festões de luz, com o theatro de D. Maria todo illuminado ao fundo fazia um esplendido effeito, mas notava-sa muito a falta de illuminação nos predios que contornam a praça.

De todas as illuminações a menos notavel foi a da rua do Ouro que no centenario de Camões se apresentou explendidamente.

Na rua do Amparo até ao Arco do Marquez de Alegrete havia illuminação á veneziana, cujo effeito era muito inferior ao da illuminação a gaz.

Todas as noites houve grande multidão pelas ruas, reinando sempre a melhor ordem, excepto minutos antes de acabarem as illuminações da ultima noite, quando appareceu a hydra ao pé do coreto do Pote das Almas.

A seu tempo fallaremos do apparecimento do terrivel bicho.

Na segunda feira 8, ao meio dia realisou-se na Avenida da Liberdade o lançamento da primeira pedra do monumento á memoria do marquez de Pombal.

Era essa a festa official do centenario; feita com a assistencia d'El-Rei, do ministerio e da côrte. A inauguração do monumento seguiu o programma do estylo, e entretanto o povo enchia as ruas da baixa, apinhava-se pelas janellas das pessoas do seu conhecimento para vêr a procissão civica, que nos nossos costumes modernos parece destinada a substituir as procissões religiosas, e que ás 2 horas da tarde devia sahir do Terreiro do Paço, depois de passar pela frente do medalhão do marquez de Pombal, no monumento d'El-Rei D. José.

E a multidão foi-se agglomerando por todas as ruas de transito, nas janellas de todos os predios d'essas ruas não havia um unico logar vago, e ás duas horas da tarde em ponto, uma girandola de foguetes annunciou á cidade que o cortejo civico promovido pela mocidade academica de Lisboa, ia começar a sua romaria pelas ruas reconstruidas pelo grande marquez de Pombal.

—Não é facil descrever aqui minuciosamente esse imponente cortejo. Só a enumeração das corporações que n'elle se fizeram representar ultrapassaria muito os limites da nossa chronica.

O cortejo civico do centenario Pombalino foi uma parada brilhante das nossas forças sociaes. Todos os poderosos elementos da vida d'um povo estavam n'elle representados exhuberantemente como uma grande affirmação pacifica da vitalidade nacional.

Por toda a parte esse cortejo magestoso foi saudado com grande enthusiasmo, o povo victoriava com uma alegria significativa todas as corporações representantes da sua complexa actividade social, todas as corporações, erguiam vivas freneticas a esse bom e honrado povo, que fazia d'essa homenagem civica a um grande homem, uma festa de paz e de civilisação.

Lisboa teve n'esse momento um bello ar festivo expontaneo. A enorme procissão das escolas primarias que abria o cortejo em honra d'aquelle que tanto trabalhou por ellas, impressionou profundamente a multidão.

E essa impressão conservou-se durante todo o cortejo, e cresceu e rebentou n'uma grande explosão d'enthusiasmo quando passaram as escolas superiores, os estudantes de Coimbra, os estudantes da Granja, os alumnos das escolas militares, da Escola Medica, essa mocidade briosa, trabalhadora, liberal, que hade n'um dia proximo receber a successão da geração dirigente de hoje, e que promoveu atravez de todos os obstaculos essa grande festa brilhante e civilisadora.

Pelo lado pittoresco, como já dissemos o cortejo camoneano foi superior a este: não obstante os carros triumphaes, na maioria os carros do outro centenario, restaurados, eram de bello effeito, e foram muito applaudidos; os toureiros com os seus fatos brilhantes, lantejoulados davam uma nota alegre á monotonia dos fraques escuros, e os oleiros com as suas blusas azues faziam um bello effeito.

N'essa noite houve a recita de gala no Theatro de D. Maria, com a assistencia de El-rei e da côrte na tribuna real, e o sarau litterario dos academicos no salão da Trindade sarau que noites antes fora prohibido pelo sr. governador civil no theatro de S. Carlos, prohibição que contribuiu muito para o seu grande exito.

Na recita de D. Maria representou-se a *Sobrinha do marquez* de Garret, que teve um bello desempenho por todos os artistas e que apresentou um scenario burguez, que é uma obra prima de verdade, pintado pelo sr. Manini.

Na terça feira 9 foi o ultimo dia dos festejos.

A's 5 horas da tarde partiram do caes das Columnas em muitos vapores do estado e particulares, a commissão dos festejos e grande multidão de povo que se lhe associou, a passar em continencia por defronte da residencia do marquez de Pombal em Oeiras.

E' esse vistoso passeio fluvial que o Occidente dá hoje em gravura, dando ao mesmo tempo como *pendant* ao panorama elegantissimo de Lisboa de hoje uma curiosa vista panoramica da cidade antes do terremoto.

No regresso do passeio fluvial os estudantes de Coimbra e das outras escholas do reino que vieram a Lisboa a convite da commissão dos festejos, fizeram uma marcha *aux flambeaux* pelas ruas da cidade em homenagem aos estudantes da capital.

Foi d'um affeito explendido esse passeio com archotes e balões, apesar do grande apparato policial de que o cercou o sr. governador civil, e o Occidente reprodul-o hoje em gravura.

Parece que era d'essa marcha *aux flambeaux* que devia sahir a terrivel hydra ha tantos dias esperada anciosamente pela policia de Lisboa; mas a policia passou ainda pela decepção de alli não vêr surgir o bicho.

O passeio fez-se na melhor ordem, e os academicos dispersaram sem que o inimigo apparecesse.

Era perto de meia noite, as festas pombalinas estavam por minutos a acabar e nada de *hydra*.

Então a policia para não perder o seu tempo foi até ao Pote das Almas, e ahi ao pé do coreto onde tocava uma philarmonica qualquer, viu apparecer o terrivel bicho. Arremessou-se a elle com todo o denodo e valentia e prendeu nada menos que uns trinta terriveis revolucionarios.

Mas não é ainda tempo de fallar n'isso. A justiça trabalha e quando ella nos der no tribunal da Boa Hora o processo tragico d'esses audazes fascinoras é que nós poderemos avaliar, com toda a serenidade, a importancia da conspiração tão habilmente suffocada á nascença.

—Sem de forma alguma querermos ser desagradaveis á policia de Lisboa ha de nos ella permittir que ponhamos de parte a terrivel conspiração do Pote das Almas e olhemos um pouco para a Irlanda onde se passam uns acontecimentos um quasi nada mais serios.

Em Dublin foram assassinados lord Frederic Cavendish, secretario geral da Irlanda e o sr. Burke sub-secretario.

Este duplo assassinato dá uma idéa exacta e ameaçadora da organisação do partido revolucionario da Irlanda.

Lord Cavendish e Burke foram assassinados no meio d'um parque a menos de 200 metros d'uma residencia real, e apesar d'isso os assassinos ainda não foram descobertos não obstante o grande numero de prisões effectuadas e os

avultados premios offerecidos pela policia a quem os denunciar.

A questão da Irlanda toma cada dia um aspecto mais grave e terrivel. O assassinato de lord Cavendich e de Burke não é um acto qualquer de odio pessoal ou um crime individual; é o cumprimento d'um programma sinistro e implacavel como o programma do nihilismo.

Na Irlanda ha uma liga revolucionaria secreta e tenebrosa, que decretou a morte de todas as authoridades que a Inglaterra para ali mandar.

Os decretos d'essa liga começaram a ser postos em vigor; lord Cavendich e Burke foram as primeiras victimas d'elle.

O OCCIDENTE occupar-se-ha em breve largamente d'estes graves acontecimentos.

— Estão tendo grande successo em Lisboa os concertos classicos da *Associação 24 de Junho*, no theatro de S. Carlos.

Esses concertos são agora dirigidos pelo illustre maestro francez Colonne, que já no anno passado esteve em Lisboa e que d'inverno dirige os notaveis concertos do Chatelet de Paris.

O successo crescente, que os concertos classicos da *Associação 24 de Junho* vão tendo em Lisboa são um bello symptoma dos progressos artisticos do nosso publico, e um triumpho brilhante para a *Associação* que tanto tem trabalhado para a educação musical dos lisboetas, que ainda ha poucos annos fugiam da musica classica como, em tempos que já lá vão, o demonio fugia da cruz.

— E já que estamos fallando d'arte e d'artistas, fechamos a nossa chronica com a noticia da despedida d'um pequeno grande artista, que dentro em breve será uma celebridade, da despedida do menino Vianna da Motta, esse pianista precoce que o publico de Lisboa tanto tem applaudido e que ha dias deu no salão da Trindade o seu concerto de despedida.

Vianna da Motta, uma organisação artistica previlegiada que na idade em que muitos começam a estudar, é já um pianista notavel, vae para Allemanha completar com os grandes mestes a sua educação artistica a expensas da sr.ª condessa d'Edla.

Esta noticia quer dizer que d'aqui a annos nós teremos mais um pianista notavel, e que a sr.ª condessa d'Edla poderá ter o nobre orgulho de ter dado com a sua generosa e intelligente protecção, mais um grande artista a Portugal.

Gervasio Lobato.

D. JOSÉ I

A 31 de julho de 1750 fallecia pelas 7 horas e meia da tarde D. João o V, rei de Portugal. Beijaram-lhe então a mão já fria a rainha D. Marianna d'Austria, sua esposa, e o principe D. José herdeiro da coroa, que lhe succedia no reino. Em seguida beijaram a mão ao novo rei os infantes D. Manuel seu tio e D. Pedro e D. Antonio seus irmãos mais novos.

El-rei D. José subia ao throno na edade de trinta e seis annos, pois havia nascido a 6 de junho de 1714. Em circumstancias difficeis empunhava o novo monarcha o sceptro de seus avós. Com quanto no reinado de D. João V se tivessem iniciado e creado medidas importantes, que, mais tarde renovadas e ampliadas por uma mão mais energica se converteram em verdadeiras fontes de prosperidade publica, com quanto durante esse reinado se tivessem levantado obras importantes que ainda hoje attestam a solicitude do governo pelo bem geral, é certo que outras edificações de utilidade duvidosa, que outros dispendios, aliás improductivos, tinham esgotado a nação, não havendo, á hora da morte do soberano, dinheiro nos cofres para se lhe fazerem as exequias, tendo sido necessario levantal-o por emprestimo.

Alem da falta de meios duas influencias poderosas, a dos jesuitas e de D. Gaspar da Encarnação disputavam o campo da politica. O espirito do novo rei foi posto logo á prova. Haviam vagado os cargos de secretario de Estado dos negocios da marinha e ultramar e dos negocios estrangeiros pelo fallecimento dos ministros Antonio Pereira Guedes e Marco Antonio d'Azevedo Coutinho, e com todo o bom senso D. José nomeou para o primeiro a Diogo de Mendonça Corte Real, filho bastardo do notavel ministro de D. João V e para o segundo a Sebastião José de Carvalho e Mello, antigo ministro nas cortes de Londres e Vienna, e que se diz lhe fora recommendado pela rainha sua mãe e pelo padre da congregação do Oratorio Domingos de Oliveira.

D. José estava casado desde 1728 com D. Maria Anna Victoria, filha de Fillippe V de Hespanha, thalamo já fructificado em princezas, das quaes a mais velha e sua herdeira D. Maria, nascera a 17 de dezembro de 1734.

Um grande desastre veio perturbar logo os primeiros dias do novo reinado; a 10 de agosto um terrivel incendio destruiu o Hospital de Todos os Santos, que occupava o sitio da, hoje, praça da Figueira e convisinhava com o convento de S. Domingos, que esteve em perigo de arder, perdendo ainda a sua riquissima bibliotheca.

Cinco annos depois era a capital e parte do reino destruido pelo terrivel terremoto de 1.º novembro de 1755, e em 1758 a 3 de setembro era o rei agredido em Belem, proximo de Alcolena, no sitio onde hoje se levanta a egreja da Memoria, disparando certos individuos alguns tiros sobre a carruagem em que de noite passava, segundo uns para alguma entrevista, segundo outros para uma quinta. E' ponto duvidoso para muitos se a espera era para o rei, se para outro individuo, porque na disposição em que se achavam os grupos, e apesar da presença de espirito do cocheiro, admira como um só grupo disparou, não podendo com certeza o rei escapar, se os outros o tivessem feito.

Attribuem alguns a causa d'este successo a ligações do rei com a joven marqueza de Tavora, não se podendo acreditar todas as affirmativas do embaixador francez, empenhado em lisongear a curiosidade lasciva do seu soberano, confirmado isto pela circumstancia quasi provada de que os Tavoras não entraram na conjuração, se chegou a havel-a, posto seja certo que o duque d'Aveiro tramava contra o soberano, ou contra o ministro.

As medidas porem tomadas pelo ministro Sebastião José de Carvalho, tanto em um como em outro successo conquistaram-lhe toda a confiança do monarcha, que o nomeou primeiro ministro, depois conde de Oeiras e mais tarde marquez de Pombal.

Foi fecundo o reinado de José em medidas do maior alcance administrativo. Se é tudo só iniciativa do ministro, se o rei com elle discutia e tomava parte nos seus trabalhos, não é facil de dizer, apesar da proximidade da residencia do ministro, que era junto ao palacio real.

Sabe-se que o rei era pouco amigo do fausto, de costumes moderados, que trajava com simplicidade, contrastando o seu estado e sequito notavelmente com o da rainha e de suas filhas, que era amigo de obras mechanicas, sendo habil torneiro; que era muito amigo da musica e como tal reorganisou a capella real e entretinha um theatro onde appareciam os principaes cantores da Europa sendo considerado o mais importante da sua epocha. O seu caracter porém, a sua intelligencia, a parte que pode ter tomado nos factos do seu reinado, ainda a historia não chegou bem a determinar.

Depois de um reinado de quasi vinte e sete annos, fertil em iniciativas grandiosas, em medidas da mais alta transcendencia e em successos extraordinarios, rendeu o espirito á 1 hora menos trinta e sete minutos da madrugada do dia 24 de fevereiro de 1777, legando a sua filha um reino prospero, dirigido por uma larga via de progresso, e com um thesouro repleto de fundos, que infelizmente ella não saberia fazer caminhar com a mesma firmeza.

J. B.

AS NOSSAS GRAVURAS

PANORAMA DE LISBOA ANTES DO TERREMOTO DE 1755

Damos hoje em ponto reduzido o panorama de Lisboa, tal como foi publicado no seculo passado, com relação ao periodo immediatamente anterior ao terremoto de 1755.

Este pessimo desenho, onde as regras da perspectiva soffrem tremendas offensas, serve-nos hoje não só para fazermos uma idéa da disposição dos edificios na parte mais populosa da cidade e que mais estragos soffreu com o terremoto, mas tambem para nos indicar aproximadamente a sua estructura e forma, e a posição aproximada que occupavam muitos que aquelle cataclismo e a nova reedificação da cidade fez desapparecer de todo.

Como se vê este panorama abranje todo o tracto da margem direita do Tejo, desde o Campo da Forca, onde hoje se levanta a estação dos caminhos de ferro de norte e Leste, e monte de S. Vicente, até á Barra, isto é na extensão de seis boas leguas.

O espaço que decorre das torres de S. Lourenço (Bugio) n.º 1, e de S. Julião (S. Gião) n.º 2 até o forte de Alcantara n.º 8, está apenas indicado, avultando n'esse espaço, em notavel disproporção, a Torre de Belem, n.º 3.

Desde as taracenas (n.º 11) até ao palacio real (n. 35) veja-se a monotonia que devia apresentar ao visitante aquella tira quasi continua de armazens, do mesmo feitio e construcção, n'um espaço de mais de meia legua, como ainda hoje se vê no Douro, em Villa Nova de Gaya, posto que em menor extensão.

Ha quem ache monotona toda a cidade baixa comprehendida entre o Rocio e o Tejo, Ribeira Velha e S. Paulo, assim é, mas a largueza das suas ruas e a pujança dos seus edificios resgatam essa tal qual monotonia.

Toda essa extensão de margem do Tejo desappareceu em grande parte pelo terremoto, e o mesmo succedeu, desde o palacio até o Campo da Forca. Nos artigos publicados n'este periodico nos n.ºs 103, 104 e 105 do 1.º 11 e 21 de novembro de 1881 se indica como tudo isso ficou. E não só novas construcções substituiram as antigas, mas ainda a estacaria e aterro se estendeu sobre o Tejo, conquistando ás marés largo terreno, para se fundar de novo uma cidade regular.

O marquez de Pombal, vendo que poucas construcções haviam ficado de pé, mandou organisar o novo plano da cidade, attendendo-se apenas a alguns dos principaes edificios; onde foi preciso deitou-se abaixo o que existia, expropriando-se e pagando-se aos proprietarios o que era mister para a nova edificação.

Onde se levantava o palacio real a alfandega e o Terreiro do Paço com a sua fonte ao meio, espande-se hoje a praça do Commercio com a sua estatua equestre cercada dos grandiosos edificios, que accomodam todas as repartições do Estado. Isto que parece insignificante mostra o pensamento profundo do grande ministro, não só de attender á conveniencia das mutuas relações entre as repartições publicas, mas tambem á dos cidadãos poupando-lhe tempo e passadas.

Entre o paço (n.º 35) e o palacio do principe real (n.º 24) havia os estaleiros reaes, de organisação quasi primitiva; foi convertido esse espaço no Arsenal de Marinha, construcção que Baretti em 1762 julgava exagerada para as necessidades e forças da nação, e que nós hoje julgamos insufficientissima.

A falta de proporção d'este panorama descobre-se em muitas partes e basta considerar a distancia e posição em que se encontram o convento da Esperança (n.º 12) a egreja de Santa Catharina (n.º 16) e a da Encarnação (n.º 20) para corroborar o que temos dito.

Uma coisa que falta completamente no desenho é o monte da Estrella, que devia subir e prolongar-se por detraz da Esperança, vindo ligar-se pelo alto com o da Cotovia (n.º 33). Todos esses cabeços eram então apenas povoados por algumas casas religiosas, e por casaes distanciados como ainda hoje vemos d'esses pontos para outros além da cidade que lhes demoram a distancia proporcionada á que havia d'elles ao coração da cidade.

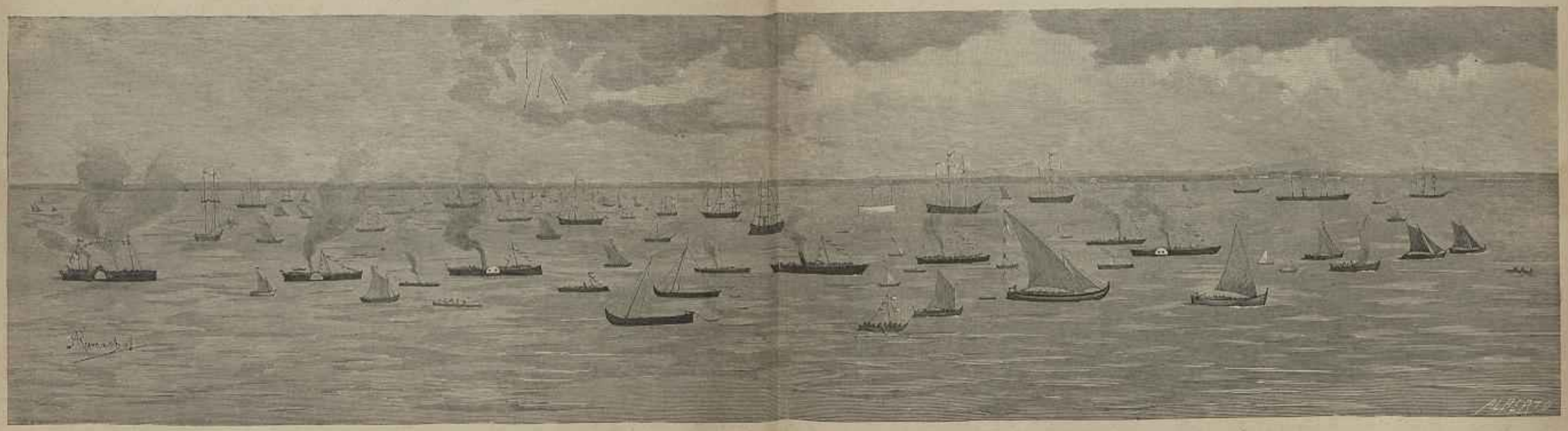
Esse convento da Cotovia, que se vê solitario na chapada do monte, foi alguns annos depois a famosa instituição do collegio dos Nobres, que tantos serviços prestou ao paiz, e que hoje se acha convertido na Escola Polytechnica, um dos estabelecimentos mais notaveis do paiz. Então achava-se só, hoje acha-se no centro d'uma povoação bastissima, communicada por excellentes ruas e avisinhada de uma das mais bonitas praças da capital.

No castello de S. Jorge (n.º 57) ficaram por terra os edificios que ali havia, com a famosa torre do Tombo onde se guardavam os archivos do reino, hoje em S. Bento. Manuel da Maia o celebre brigadeiro, auctor dos arcos das Aguas Livres, era então o guarda-mór da Torre do Tombo, constando-lhe que esta cahira, deixou a sua casa a arder na cidade e correu ao castello a salvar as preciosidades que estavam confiadas á sua guarda. Os prejuizos foram grandes, mas seriam incalculaveis se não fôra o zelo do distincto funccionario.

Os nossos leitores abstraindo pois da pouca regularidade e proporção do desenho, podem

Panorama de Lisboa antes do Terremoto de 1755 (Segundo uma gravura da epoca)

1 Forte de S. Lorenço (Torre do Bugio).
2 Forte de S. Gião (S. Julião.)
3 Forte de S. Vicente (Torre de Belem).
4 Convento de Belem.
5 Palacio e jardins reaes em Belem.
6 Pranqua (antigo Lazaretto).
7 Ermida de S. Maurícia.
8 Forte de Alcantara.
9 Convento de Nossa Senhora das Necessidades.
10 Convento de S. Bento.
11 Torreas ou Armazens.
12 Convento de Nossa Senhora da Esperança.
13 Egreja das Chagas.
14 Casa da Moeda.
15 Convento de S. João Nepomuceno.
16 Egreja de Santa Catharina.
17 Egreja de S. Paulo.
18 Fonchas.
19 Convento dos Convertidos.
20 Egreja Nova (Nossa Senhora da Incarnação).
21 Egreja de Nossa Senhora do Loreto.
22 Restos dos antigos muros da cidade.
23 Convento do Corpo Santo.
24 Palacio do Principe Real.
25 Convento de S. Francisco.
26 Convento de S. Roque.
27 Convento da Trindade.
28 Casa de Bragança.
29 A opera.
30 Estaleiros Reaes (Actual Arsenal da Marinha).
31 Escalar Real.
32 Convento dos grilios.
33 Rossio (hoje Praça do Principe Real).
34 Convento de S. Domingos.
35 Paços da Ribeira.
36 Casa da India.
37 Tanoeiro.
38 Quartel.
39 Convento de Espirito Santo.
40 Convento da Gloria.
41 Convento da Graça.
42 Egreja de S. Julião.
43 Matadouro.
44 Terreiro do Paço (hoje o Commercio).
45 Forte da Victoria.
46 Alfandega do Tabaco.
47 Alfandega Grande.
48 Alfandega da Madeira.
49 O Terreiro.
50 Convento de Corpos Christi.
51 Convento de S. Nicolau.
52 Convento de Nossa Senhora da Rosa.
53 Egreja antiga da Conceição.
54 Egreja de Santa Maria Magdalena.
55 Egreja e casa da Misericordia.
56 Egreja de Santo Antonio (da Sé).
57 Castello de S. Jorge.
58 Convento de Santo Eloy.
59 Convento de Santa Monica.
60 O Limoeiro.
61 Egreja da Sé.
62 Ribeira Velha.
63 Forte da Cruz da Pedra.
64 Praça onde se queimavam os delinquentes.
65 Egreja de S. João da Praça.
66 Alcatarias.
67 Egreja de S. Pedro de Alfama.
68 Egreja de S. Vicente de Fóra.
69 Chafariz das Pasa (ou dentro).
70 A Torre (Actual gare dos caminhos de ferro do Norte e Leste).
71 Entrada do Tejo e Barra de Lisboa.
72 Forte de S. Paulo.
73 Casa dos Bicos.



FESTAS DO CENTENARIO DO MARQUEZ DE POMBAL, EM LISBOA — Passeio fluvial no Tejo, em 9 do corrente. Vid. Chronica Occidental (Desenho de A. Ramalho)

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE LISBOA

formar uma idéa approximada do que era Lisboa, do que soffreu com o terremoto de 1755, e de como foi convertida na cidade que todos hoje admiram nacionaes e estrangeiros.

CARLOS DARWIN

A Inglaterra acaba de perder o eminente reformador das sciencias biologicas, Carlos Darwin, universalmente conhecido; contava setenta e trez annos de edade.[1] E uma profunda fatalidade da nossa natureza, é uma imperfeição no conjuncto das leis cosmologicas, é realmente a negação de toda a teleologia, que um organismo que attingiu um desenvolvimento superior, que uma intelligencia que se elevou ás mais lucidas concepções sejam truncados, eliminados como qualquer outro aggregado molecular que vae entrar em novas combinações. É a persistencia d'este absurdo na harmonia da natureza que faz com que protestemos pelo sentimento contra a morte, sobretudo quando ella representa uma perda constante e irreparavel para o progresso da humanidade. A morte dos grandes homens, quando ella é prematura, como em Bichat, em Mozart, em Raphael, em Bellini, assemelha-se ao naufragio em que se afundam riquezas incalculaveis, de que a sociedade humana ficou privada; quando a morte decepa os grandes homens, já na velhice, depois de terem assentado em bases seguras a sua obra, e aberto ao pensamento um novo sulco, lamentamos a brutalidade das forças que quebram sem vantagem esse raro instrumento de elaboração de ideias, e que inutilisam essas extraordinarias aptidões adquiridas, até ao dia em que por novos e contigentes ensaios sejam outra vez substituidas. A obra de Darwin consistiu na assombrosa accumulação de factos inductivos para estabelecer por deducção qual o caminho ou o processo natural da origem e successão dos typos das especies. É o genio inglez posto em evidencia; a grandeza de Newton, como o prova Lange, consiste mais na somma de factos accumulados para a demonstração da lei da gravitação do que nas deducções derivadas d'este facto fundamental. E' como espiritos inductivos que a Inglaterra appresenta escriptores como Bain, Spencer, Huxley, Tyndal, Groves, Thompson, que têm revolucionado pela sua critica dos factos as sciencias physicas, biologicas e sociologicas. A acção da obra de Darwin, resumida no seu livro a *Origem das Especies*, exerceu-se do modo mais geral e profundo na Europa por effeito das fecundas deducções que veiu suscitar na comprehensão do problema da vida subordinada á forma da evolução organica. A Allemanha levou essas deducções ás eminentes concepções de Haeckel na *Creação dos Sêres Organisados*, e na *Antropogenia*, e de Schleiger sobre a applicação da theoria transformista aos phenomenos da linguagem. As doutrinas de Darwin revolucionaram a consciencia humana, pondo outra vez em discussão questões suscitadas pelos grandes espiritos do fim do seculo XVIII, como Erasmo Darwin Lamarck, Goëthe, Geoffroy Sainte-Hilaire, e abafadas pela reacção neo-catholica do principio do primeiro imperio e da restauração, da qual Cuvier e Blainville foram, apezar dos seus enormes serviços, os instrumentos retrogrados. Esses problemas ficaram scientificamente desacreditados até ao meado do nosso seculo; e só o talento e a severidade inductiva de Darwin é que poderiam restituil-os outra vez á sua importancia, tornando a questão da origem transformista das especies o nucleo dos grandes problemas d'este seculo.

O avô do proprio Darwin, medico notavel do seculo passado, Erasmo Darwin, publicou em 1794 o seu celebre livro intitulado *Zoonomia*, em que com uma certa audacia tentava estabelecer a synthese biologica; Haeckel não deixa escapar esta circumstancia para fazer sentir um phenomeno de hereditariedade psychologica no sabio que conseguiu, retomando esses problemas, chamar para elles a attenção da Europa, depois que estavam totalmente esquecidos os generosos esforços de Lamarck, nas *Investigações* de 1801, e na *Philosophia zoologica* de 1809. Carlos Darwin foi levado á consideração d'estes problemas em consequencia da sua viagem no Beagle, impressionado pela distribuição dos sêres organisados que povoam a America meridional, e pelas relações que existem entre os habitantes actuaes e os habitantes extinctos d'esse continente; foi assim que no seu regresso a Inglaterra em 1837 começou a coordenar as suas notas, redigindo em 1844 em fórma de memoria o primeiro esboço do seu trabalho. Assim como no fim do seculo passado os grandes naturalistas independentemente e simultaneamente se acharam trabalhando nas deducções da taxinonia organica, a mesma circumstancia se repetiu no seculo presente, sendo este facto extraordinario o que provocou a publicação do livro de Darwim em 1859 sobre a *Origem das Especies*. Um outro naturalista inglez Albert Russel Wallace, em exploração scientifica no archipelago malaio, remetteu em 1858 á Sociedade Linneana de Londres o seu trabalho sosobre a *Selecção natural*: Darwin, para não perder a prioridade das suas descobertas de que eram conhecedores desde 1844 Lyell e Hooker, coordenou a melhor parte das suas observações no livro da *Origem das Especies*, reservando-se para mais tarde a publicação da obra fundamental. As idéas de Darwin foram então confrontadas com as theorias de Lamarck, com vantagem para o profundo observador inglez. Huxley resume em poucas palavras as duas syntheses zoologicas:

«Para Lamarck é um facto physiologico, que a acção faz augmentar a dimensão dos orgãos, que se atrophiam pela inacção; é tambem um facto physiologico que as modificações produzidas se transmittem aos descendentes. Por consequencia se vós mudaes as acções de um animal, mudaes-lhe a sua estructura, activando o desenvolvimento das partes novamente postas em uso, fazendo diminuir aquellas que não são mais empregadas; mas, modificando as circumstancias que rodeam o animal, mudaes as suas acções d'onde resulta que com a diuturnidade uma mudança de organisação. Por este motivo todas as especies animaes são, segundo Lamarck o resultado da acção indirecta de mudanças de circumstancias sobre estes germens primitivos que se tinham produzido originalmente, segundo elle, por gerações espontaneas no seio das aguas do globo.» Em seguida Huxley caracterisa a theoria de Darwin: «A hypothese darwiniana tem o merito de ser muito simples e facil de comprehender, e os seus pontos principaes podem-se resumir em muito poucas palavras: todas as especies provêm do desenvolvimento de variedades saidas de troncos communs pela conversão d'estas primeiras variedades em raças permanentes depois em especies novas, pelo processo da *selecção natural*, processo essencialmente identico ou da selecção artificial por meio do qual o homem dá nascimento ás raças dos animaes domesticos. Na natureza a *lucta pela existencia* substitue o homem, e exerce, no caso da selecção natural a acção que elle pratica com a selecção artificial.»

Como nota Huxley, Lamark não considerara a importancia do phenomeno da lucta pela existencia, facto positivo d'onde Darwin tira a maior somma de deducções. Entre as differentes objecções formuladas pelos biblicistas e pela sciencia official contra a theoria transformista é a mais forte o facto evidente na natureza, da persistencia dos typos das especies existentes; como poderiam os organismos transformar-se (e transformaram-se, como se prova pelos orgãos atrophiados ou sem destino, e pelas phases embryonarias) e suspenderem essa faculdade para se immobilisarem depois em typos definidos?

Uma grande lei de movimento existe na natureza, que concilia esta antinomia apparente. Os movimentos, segundo a lei mechanica de Maupertuis, exercem-se no sentido da *menor resistencia*; uma vez formado o organismo na sua condição primeira, os movimentos materiaes procuram a sua direcção no sentido da maior facilidade, e d'aqui a formação de orgãos que se modificam ou *variam* com a acção do meio, ao qual se adaptam, até que os movimentos materiaes alcancem o seu equilibrio ou estabilidade. Portanto o *transformismo* não é uma consequencia da especie, mas sim a modificação operada pelos movimentos materiaes que procuram a sua direcção no sentido da menor resistencia; uma vez achada essa direcção, o movimento resiste ás variações accidentaes do meio cosmico, e assim a força que fazia com que os organismos se alterassem e se adaptassem, é a mesma que por seu turno mantém a estabelidade morphologica conservada pelo impulso da hereditariedade. Darwin revolucionou todas as sciencias biologicas, tirando-as da estreiteza descriptiva dos colleccionadores, e dando-lhes um ponto de vista deductivo.

O seu methodo critico fez um novo progresso na logica, e a palavra *evolução* exprime o mais alto grão de positividade mental a ponto de para muitos espiritos se tornar a base de uma philosophia. Herbert Spencer applicou á Moral a theoria de Darwin. Ninguem encheu mais o mundo com a discussão das suas idéas, e comtudo ninguem viveu mais pacificamente concentrado no isolamento das suas meditações. Darwin é o verdadeiro typo do poder espiritual; a sua vida educa-nos tanto como a sua obra nos instrue.

Theophilo Braga.

[1] Nasceu em Shrewsbury a 2 de fevereiro de 1809.

A ESTATUA EQUESTRE DE EL-REI D. JOSÉ I

(Conclusão)

Depois limpou-se, alizaram-se algumas asperezas e prompta de todo foi de novo exposta ao publico.

Começou depois o trabalho dos preparativos para a conducção da estatua construindo-se uma forte zorra munida de todo o necessario e estabeleceram-se todas as mais machinas e engenhos necessarios. Para a sua passagem alargaram-se algumas ruas, deitou-se abaixo parte do arco de Santa Engracia e o das Portas da Cruz; abriu-se pelo meio da Fundição de baixo uma rua que vinha ter á praia, todas as ruas se calçaram de novo, tirando-se o declive que tinham dos lados para o meio, ficando planas de forma que o transito não tivesse difficuldade.

Estas operações todas formaram um verdadeiro acontecimento e deram muito lustre e credito aos nossos artistas, engenheiros e operarios. Na madrugada do dia 20 o povo viu a estatua collocada sobre a zorra, sem que tivesse havido o minimo ruido para isso, graças ás medidas tomadas por Bartholomeu da Costa.

N'esse dia sahiu á rua um magnifico cortejo composto de todos os magistrados do senado da cidade montados em cavallos ricamente ajaezados, e elles mesmos explendidamente vestidos. Este grupo lançou um bando para que a cidade pozesse luminarias desde o dia 22 de maio, em que a estatua devia começar a sua marcha triumphal para o local onde devia ficar.

N'esse dia a enorme multidão do povo correu a presenciar este extraordinario acontecimento. A estatua começou a mover-se com difficuldade, abrindo o cortejo um destacamento de cavallaria, a que se seguiam vinte e quatro cavallos das cavallariças reaes ricamente ajaezados, conduzidos por criados de libré a pé. Os cavallos conduziam ceirões com flores para serem lançadas pelas ruas. A estatua ia coberta por uma caixa de madeira com a seguinte inscripção latina — *Non velant nubila solem*. Nas mais pequenas coisas se revela a attenção que o marquez dava a tudo.

Quatro dias gastou o colosso em chegar ao logar do seu destino. Ao entrar no Terreiro do Paço, a multidão saudou-o com phreneticos applausos. A praça não estava ainda prompta, mas completou-se com lona e madeira, fingindo-se até um dos torreões, porque só um estava erecto. N'estes preparativos foram empregados dia e noite 3:200 operarios.

No dia 27 de maio pela tarde foi collocada a estatua sobre o pedestal com toda a facilidade. A estatua ficou coberta com uma capa de brim que na vespera de ser desvendada foi substituida por outra de seda carmezim.

No dia 27 de junho um bando similhante e mais opulento que o primeiro convidava os habitantes de novo a illuminarem as casas nos dias 6, 7 e 8 de julho seguinte.

Defronte do monumento levantou-se uma especie de fortaleza, solidamente construida de madeira e lona, adornada de estatuas, para onde no dia 6 de manhã cedo veio a familia real incognita. O marquez de Pombal sahiu de sua casa na Ajuda acompanhado por seu filho conde de Oeiras, presidente do senado e por um brilhante cortejo, sendo tanta a concorrencia que se lhe ajuntou, que já a testa d'elle chegava á praça do Commercio, quando o marquez poude sair de casa.

Ás cinco e meia da tarde o marquez de Pombal e Joaquim Ignacio da Cruz Sobral, sahindo da casa da camara procederem á ceremonia de desvendar a estatua, puchando pelos cordões, o que não poude produzir o efficito desejado, pelo vento que soprava que rasgou o veu, sendo necessario um meirinho ir desvendal-a. N'essa occasião o marquez e o cortejo ajoelharam. Um vistoso carro, figurando o *Templo da Immortalidade*, com figuras allegoricas entrou então na praça.

O marquez e o cortejo deu uma volta em torno da estatua, o carro trez, e as tropas da guarnição passaram em continencia. Era já noite quando terminaram os festejos apparecendo então Lisboa toda illuminada.

Os carros que no dia seguinte acompanharam o da *Immortalidade* eram grandiosos; as danças

dos populares, o banquete dado pelo senado foi uma cousa fabulosa se attendermos ao tempo.

Não descreveremos essa festa esplendida, pois nos ornatos, decorações e banquete se despenderam para cima de setenta contos, como se pode ver na *Historia* do sr. Soriano.

Para finalisar citaremos o famoso pasquim que no dia seguinte ao ultimo dos festejos, segundo noticias do tempo, appareceu escripto em uma das peças da base. Constava d'estas simples palavras — *Estatua Estatuæ*.

Conta-se que o marquez fizera altos esforços para descobrir o auctor d'este soberbo e pungentissimo epigramma, mas nunca o poude conseguir.

R.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA

DE

ARTE ORNAMENTAL

EM LISBOA

XXI [1]

Está alli um cofre de ferro (n.º 24) deveras lindo. As faces anterior e posterior são divididas em tres compartimentos, separados por pilastras. Os dois extremos tem ornatos de phantasia, o do meio tem em relevo, a tentação de Adão. A tampa, cujos topos tem a fórma de um pentágono, é lavrada tambem em ornatos de phantasia, do mais gracioso desenho. O estylo é já da renascença e mostra ser obra alemã, do seculo XVI.

Continuando ainda com algumas coisas que estão fóra das vidraças, não devemos passar sem olhar um baixo relevo em pedra lythographica (n.º 31). N'elle se vê um templo de architectura da renascença, no interior do qual está a Senhora sentada, com o menino sobre os joelhos, cercada de anjos. Tem na parte superior as armas de Portugal com a corôa aberta. A um dos lados do baixo relevo, lê-se gravado na pedra a seguinte inscripção: M.D.XX. JOANN. DAHER AUGUSTANUS FECIT. É pois este um dos muitos artefactos estrangeiros que os agentes de D. Manuel enviaram para o paiz, e que, como nem toda a gente sabe, estavam constantemente occupados pelo monarcha em encommendar e comprar nos diversos centros artisticos, obras que vinham abrilhantar os paços reaes, egrejas, mosteiros e estabelecimentos.

O n.º 39 é uma pintura em cobre, representando Nossa Senhora, emquadrada por uma moldura ornada de cabeças de anjos, flôres, etc. É da nossa Josefa de Ayala ou Josefa de Obidos, e tem a data de 1654. Rackzynski não é muito favoravel aos meritos da nossa artista, mas parece-nos que em todo o caso as suas pinturas, especialmente algumas teem merecimento verdadeiro, e isto sem querer de alguma maneira contradizer os juizos seguros e provados do illustre allemão.

XXII

Um armario de teca, adornado de baixos-relevos, tambem não pode passar sem ser bem visto. Representam os baixos relevos a Annunciação, o presepe, a adoração dos reis e a Circumcisão. É dos principios do seculo XVIII.

Mais alem (n.º 44) está um contador de estylo hispano-arabe, de madeira.

Acima fallámos na fabrica do Rato, e para vermos que o seu progresso foi grande, basta considerar que se não limitou a fazer louça. No n.º 52 vemos um espelho, cuja moldura é de faiança branca d'aquella fabrica; de cada lado está uma figura imitando uma grinalda, e em cima as armas reaes portuguezas. Deve ter sido talvez uma das primeiras producções da fabrica, naturalmente para o grande ministro poder mostrar aos soberanos a vantagem d'aquella sua creação.

O n.º 66, esse então já nos mostra um trabalho do reinado seguinte, se é que o outro o não é tambem, apresentando-nos o busto, muito conhecido, da rainha D. Maria I, na sua mocidade. Não se póde dizer um trabalho perfeito, é porem importante para uma fabrica na infancia.

A parede do lado direito da entrada está coberta de pratos de diversos tamanhos e feitios e de varias procedencias. Uns de faiança hespanhola, de Talavera e outras partes; outros mais antigos de estylo hispano-arabe; outros finalmente de faiança portugueza.

No n.º 74 vê-se um alto relevo de barro cosido; é uma allegoria representando a arte da esculptura, assignado por Joaquim José de Barros. E' do seculo XVIII.

Varias talhas e jarras de louça do Japão, intercallam-se ás cadeiras e moveis, e adornam os cantos da salla, de varias côres e esmaltes. Duas em fórma de cabaça, com gargalo muito alongado, são curiosas por esse feitio.

(Continua) *R.*

[1] Vid. cap. XVII, pag. 85, do presente vol.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

MARQUEZ DE POMBAL — Retrato em chromolytographia com uma resenha dos factos mais notaveis da vida do grande estadista. O desenho é um pouco incorrecto, mas a execução lytographica é perfeita, o que muito honra a officina dos sr. Justino Guedes, que é tambem o editor d'este retrato.

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ — Edição da Livraria Zeferino — fasciculos 33 e 34 de 48 pag. cada um *in folio* — Esta publicação continua a sahir com toda a regularidade.

FRŒBEL — *Revista de Instrucção Primaria* — n.º 1 do 1.º anno com uma selecta collaboração de escriptores e professores muito distinctos. Este numero é dedicado a Frœbel de que publica um mediocre retrato e umas gravuras elementares do jardim de Frœbel com chalet, que a camara municipal de Lisboa inaugurou no dia 21 de abril, primeiro centenario de Frœbel, no jardim da Estrella para escola da infancia. São para louvar todos os emprehendimentos que se façam para desenvolver e melhorar a instrucção publica, e porisso bem hajam todos que lidam n'esta santa cruzada.

ENIGMA

Explicação do enigma do numero antecedente:

Ao Marquez de Pombal mil sete centos e oitenta e dois.

SAPATOS DE DEFUNCTO

(Continuado de n.º 120)

Deu meia volta, desceu dois degraus, e enfiando o pescoço pela balaustrada que revestia a escada, gritou para baixo:

— O' Manuel, acóde de lá, que és cá preciso.

Manuel era o caixeiro pimpão, um rapazola de Chaves, de alentadas formas, o qual era tão capaz de lhe guardar as costas, como de lh'as amassar e pôr n'um feixe.

— Acóde cá, Manuel, acóde.

Pudera, com a força publica não se brincava assim.

Mas o porta-machado devia de o conhecer, por quanto mal o viu, disse logo para dentro, em termos familiares, de grande intimidade:

— O' Joanna, olha que está aqui um senhor, que te procura.

O Manuel já vinha de caminho com os seus tamancos repregados, e as gaifanas caidas para a testa.

— Eu cá estou patrão.

— Sóbe, sóbe.

A Joanna, entretanto, appareceu ao fundo do corredor.

E Antonio Dourado passava em frente do porta-machado, a quem dizia de papo feito:

— Eu sou o dono da casa.

E porque o visse perfilado em attitude respeitosa, quasi a fazer-lhe a continencia da ordenança, disse-lhe:

— A vontade camarada, á vontade.

E n'outro tom perguntou, já mais animado, com menos susto:

— Que faz vocemecê aqui?

Joanna que se approximara e ouviu a pergunta, respondeu que o porta-machado era seu primo.

Antonio Dourado repetiu então em ar de duvida:

— Primo!?

Joanna confirmou, accrescentando que elle ia ficar lá aquella noite, porque ella tinha muito medo de estar só.

Antonio Dourado assoprou de raiva:

— Ora essa! Quem tem medo compra um cão, não mette em casa um porta-machado, com umas barbas e um corpanzil d'estes!

O Manuel appareceu á cancella.

— O' patrão quer alguma coisa?

Antonio Dourado respirou.

— Ah! és tu? Espera ahi que eu já te fallo.

E voltando-se para a Joanna, continuou de uma maneira mais audaz e mais positiva:

— Ouvin, desaforos é que eu não consinto.

Joanna repetiu:

— Desaforos! veja lá como falla.

— Desaforos sim, confirmou Antonio Dourado. Eu não lhe dei a liberdade de metter marmanjos na minha casa, porque esta casa é minha, e quem manda aqui sou eu.

Joanna desentranhou-se n'um fingido choro convulso, cheio de um grande sentimento e desespero.

Sempre era muito atrevido aquelle homem! Nunca em sua vida soffrera tamanhos insultos Duvidarem da sua honra! Beliscarem-lhe o credito. Darem a entender que ella mettia homens em casa!

O porta-machado com toda a sua fleugma, dispunha-se a dar algumas explicações do seu parentesco com a Joanna.

— Tu não ouves isto? exclamava apellando para as barbas do porta-machado. Não acredita que sejas meu primo.

N'isto appareceu a mulher do merceeiro offegante e toda arregaçada para não tropeçar nas saias ao subir a escada.

— Que vergonha menino, que alvoroto para a visinhança, nem n'uma taberna!

Joanna soluçava n'um berreiro enorme.

— Ai minha pobre ama, minha querida senhora, agora é que eu começo a sentir a tua falta, agora é que eu começo apreciar o bem que perdi.

O municipal das barbas grandes já não sahia para onde se voltasse.

O merceeiro recommendando que não gritassem, não fizessem alaridos, fazia mais bulha do que todos.

A mulher deitava arrogantes olhares de ameaça para a creada, e dizia-lhe em tom escarnecedor:

— Não chore tanto mulher que se pode derreter.

— Já não tenho ninguem n'este mundo, lastimava-se a creada, chegando-se para o primo, não tenho ninguem.

E elle acofiando as barbas dizia-lhe:

— Tens-me a mim, e lá na terra ainda hade haver dois bezerros e uma courella que não deve nada a ninguem.

O merceeiro e a mulher mostravam-se escandalisados do indecoroso espectaculo.

— Não façam cerimonia... Pois tu consentes isto, Antonio?

E Antonio Dourado enchendo-se de animo bradava.

— Rua, rua, ponham-se-me já no andar da rua.

— Essa é boa, gritou a Joanna em tom natural, já sem lagrimas, nem vontade de chorar, e as minhas soldadas quem m'as paga?!

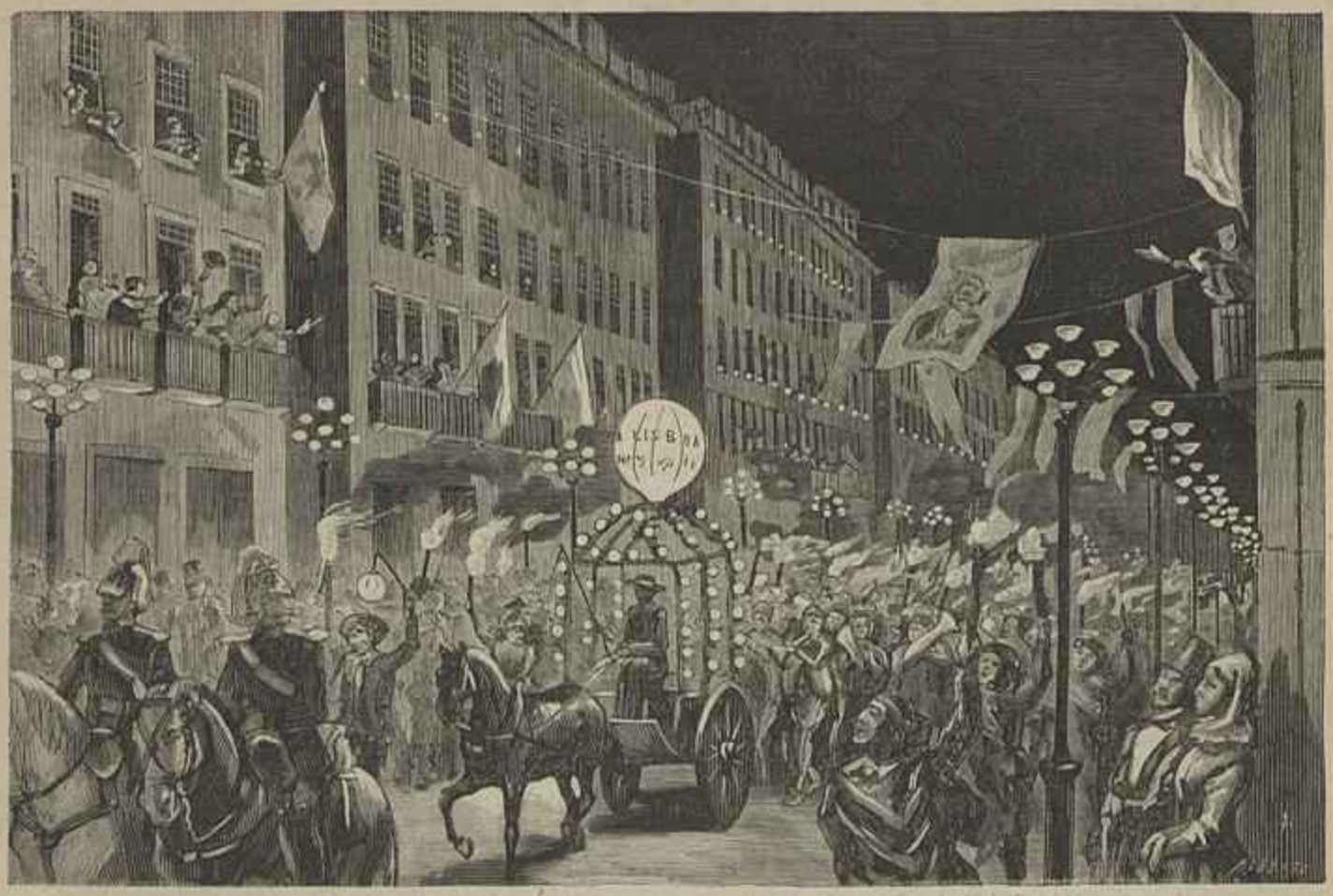
— Não sei cá de soldadas, rua.

E dava por paus e por pedras. A mulher segurava-o recommendando-lhe prudencia, e o Manuel ia-se chegando, para o que desse e viesse.

— Ponha-se já na rua e calluda, senão fanfo.

(Continua). LEITE BASTOS.

FESTAS DO CENTENARIO DO MARQUEZ DE POMBAL, EM LISBOA



A MARCHA A «FLAMBEAUX» EM A NOITE DE 9 DO CORRENTE. Vid. Chronica Occidental (Desenho de Macedo e Christino)

CHRONICA ILLUSTRADA—proprietario gerente, Alberto d'Oliveira, Lisboa.—Está publicado o n.º 2 d'esta elegante chronica, de uma feição inteiramente moderna, e em que escriptores e artistas disputam primazias de finura e bom gosto. O numero que temos presente é collaborado, na parte litteraria, pelos srs. Ramalho Ortigão, Mariano Pina, Garcia Monteiro e Yorick, pseudonymo de um escriptor muito elegante; e na parte artistica pelos srs. Casanova, R. Vieira, Malhôa, Torquato Pinheiro, Gyrão, João Vaz, Christino e Silva Porto.

MARQUEZ DE POMBAL.—Duas phototypias de um busto modelado pelo sr. Possidonio da Silva Alves Brandão. Como esculptura para commercio é muito acceitavel.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS, *Mineralogia, illustrada com vinte e cinco gravuras, — segundo anno, quarta serie*, Lisboa, David Corazzi, editor, Empreza Horas Romanticas, premiada com medalha de ouro na exposição do Rio de Janeiro, rua da Atalaya, 40 a 52—1882.—É este o vigesssimo nono livrinho d'esta curiosa e util collecção, que em pequeno espaço encerra muitos e importantes conhecimentos, que vae disseminando por entre as classes menos instruidas e que não podem cursar as aulas, onde se ensinam as disciplinas que constituem a grande variedade do saber humano. Este tratadinho de uma das sciencias naturaes que muitas applicações tem na vida commum, que nos ensina a estructura dos varios mineraes, o seu modo d'aggregação ou cristalisação, a sua classificação e descripção rapida.

CATALOGO DO REPOSITORIO CAMONEANO, *coordenado por Carlos Cyrillo da Silva Vieira, director technico da typographia da Academia real das sciencias de Lisboa: — primeira secção, publicações do tri-centenario 1880—1881; — segunda secção, publicações anteriores ao tri-centenario. — Lisboa, typographia da Academia real das sciencias, 1882.*—4.º de VIII—56 paginas. É um curioso trabalho e indice da collecção camoneana que seu auctor tem colligido com afan, cuidado e notavel paciencia. Em pequeno espaço encerra o elencho de muitas publicações, artigos, medalhas, artefactos que a maior parte da gente não conhece e que pode ser de alguma utilidade, sendo indispensavel em todas as camoneanas.

CARLOS ROBERTO DARWIN — Fallecido em 19 de abril de 1882

ENSAIOS DA PHILOSOPHIA DA HISTORIA, *por Joaquim Antonio da Silva Cordeiro, alumno do 2.º anno de direito na Universidade de Coimbra.*—I *Exame critico dos systemas — Coimbra, imprensa da Universidade, 1882,* —8.º francez de XVI—241 pag. e uma de indice. Não é n'um pequenino artigo bibliographico que se pode estudar, resenhar e apreciar obra de tanta importancia, como qualquer trabalho sobre a philosophia da historia. Comtudo por algumas phrases calorosas, proprias do ardor da mocidade, mas improprias do estillo severo e sobrio que deve ser o distinctivo do philosopho e de todo aquelle que estuda com bom senso qualquer ramo de sciencia, parece-nos que o trabalho do intelligente academico nada perderia se esperasse mais algum tempo na gaveta, e fosse publicado quando o auctor já não tivesse tanto fogo, e o seu talento estivesse em completa maturidade.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, Lallemant Frères, Typ. Lisboa
6, Rua do Thesouro Velho, 6